

A Sexualidade Conforme a Bíblia

Raimundo Barreto
Garanhuns, PE, janeiro de 2026

A apologética - a defesa da nossa fé - não é um hobby para intelectuais, é um mandato para todo seguidor de Jesus. Em **1 Pedro 3:15** a ordem é clara: "Antes, santifiquem Cristo como Senhor no coração. Estejam sempre **preparados para RESPONDER** (apresentar a "defesa" da nossa fé) a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês". A palavra grega traduzida por "responder" é **ἀπολογία** (*apologia* - G0627 – na Concordância de Strong, e vem a significar **uma defesa verbal**, um discurso fundamentado em defesa de algo ou alguém; **razão lógica**, uma resposta articulada que apresenta evidências e argumentos para sustentar uma posição e ainda é empregada no **contexto Jurídico**, que, no grego clássico, era o termo técnico para a **defesa apresentada em um tribunal**. Portanto, não se trata de apresentar uma resposta que é uma desculpa, mas uma defesa fundamentada. Todo cristão precisa estar preparado para explicar **POR QUE** cremos no que a Bíblia ensina sobre diversos assuntos.

Vivemos em uma cultura que desafia e ataca constantemente os fundamentos da fé cristã, especialmente em áreas sensíveis como a identidade e a família. É exatamente por isso que precisamos levar a sério o chamado para a preparação.

Recursos como a **Declaração Sobre Sexualidade Bíblica (Nashville Statement)** são exemplos práticos dessa preparação. Eles nos ajudam a articular com clareza, coragem e compaixão o que a Bíblia ensina sobre quem somos e como Deus nos desenhou, em meio a tanta confusão cultural. Estar preparado não é sobre ganhar debates, é sobre sermos fiéis a Cristo e amarmos o nosso próximo o suficiente para apresentar a verdade que liberta.

Você tem se preparado para dar a razão da sua esperança?

Este é o motivo pelo qual estou compartilhando aqui com você o conteúdo da **Declaração de Nashville** (Nashville Statement) é um documento de fé evangélica-cristã lançado em 29 de agosto de 2017, na cidade de Nashville, Tennessee, EUA, pelo *Council on Biblical Manhood and Womanhood* (CBMW - **Conselho sobre Masculinidade e Feminilidade Bíblicas**). No final deste artigo você pode baixar o arquivo PDF, em português, da Declaração de Nashville. O Documento, assinado inicialmente por mais de 150 líderes evangélicos conservadores dos EUA, busca definir a postura doutrinária da "**SEXUALIDADE BÍBLICA**" em resposta às mudanças culturais e legais relacionadas a gênero e sexualidade, incluindo o casamento entre pessoas do mesmo sexo. A declaração é composta por um preâmbulo e **14 artigos**, cada um com uma "**AFIRMAÇÃO**" (o que nós cristãos acreditamos) e uma "**NEGAÇÃO**" (o que nós rejeitamos).

Aqui irei desenvolver cada artigo em forma de síntese doutrinária com base bíblica, citando textos que normalmente são usados junto à Declaração de Nashville e que expressam o ensino claro da Escritura sobre cada ponto.

Preâmbulo – Criador, identidade e propósito

A Declaração de Nashville parte da convicção de que a identidade humana é inseparável do fato de que Deus é o Criador e Senhor de todas as coisas. O texto de abertura, ecoando **Salmo 100:3**, lembra que foi o Senhor quem nos fez e não nós a nós mesmos, de modo que nossa autocompreensão só é verdadeira quando começa em Deus, e não na autonomia humana. A Escritura afirma que Deus criou o homem e a mulher à Sua imagem, macho e fêmea, conferindo-lhes dignidade, valor e um chamado específico dentro da criação (**Gênesis 1:26, 27; 2:18-24**). Essa **IDENTIDADE SEXUADA** é **dom divino**, não construção arbitrária; por isso, tentar redefinir a nós mesmos à revelia do Criador é tanto tolice quanto tragédia espiritual (**Romanos 1:21-25**). Em um contexto cultural que revisa o próprio conceito de ser humano, a Declaração sustenta que a fidelidade cristã hoje exige proclamar novamente a “verdadeira história do mundo e nosso lugar nele”, especialmente no que diz respeito a ser masculino e feminino.

Artigo 1 – Casamento: aliança, sexual, procriativo, heterossexual

Afirmar: casamento é aliança vitalícia entre um homem e uma mulher, sinal do pacto de Cristo com a Igreja. No que tange ao casamento, afirma-se que Deus o projetou como uma união pactual, sexual e procriativa, ao longo da vida, entre **um homem e uma mulher** (“macho e fêmea”), sinalizando o pacto de amor entre Cristo e a Igreja (**Gênesis 2:24; Malaquias 2:14; Efésios 5:22-32**). Com base nas palavras de Jesus, que retorna a Gênesis para definir casamento como a união de um homem e uma mulher, onde os dois se tornam uma só carne, a Declaração nega que o casamento possa ser legitimamente redefinido como união homossexual, polígama ou poliamorosa, ou reduzido a mero contrato humano sem caráter de aliança diante de Deus (**Mateus 19:4-6; Romanos 1:26, 27; Levítico 18:22**).

Negar: casamento homossexual, poligamia, poliamor e visão meramente contratual. **Levíticos 18:22; 20:13**: proibição de relações sexuais entre homens. **Romanos 1:26, 27**: relações entre pessoas do mesmo sexo como distorção do uso natural. **Deuteronômio 17:17; Gênesis 2:24**: o padrão é monogâmico; a poligamia, mesmo registrada, sempre traz consequências desastrosas (**Lucas 16:18; 1 Timóteo 3:2**). **Provérbios 2:16, 17**: fala da “aliança do seu Deus”, mostrando o casamento como pacto, não mero contrato civil.

Artigo 2 – Castidade fora do casamento e fidelidade dentro dele

Afirmar: vontade de Deus é pureza sexual antes do casamento e fidelidade dentro dele. A vontade revelada de Deus para a sexualidade é que haja castidade (santidade) fora do casamento e fidelidade dentro dele, de forma que nenhum afeto, desejo ou compromisso pode justificar relações sexuais antes ou fora do casamento, nem qualquer outro tipo de imoralidade sexual (**1 Tessalonicenses 4:3-5; Hebreus 13:4; 1 Coríntios 6:18-20**).

Negar: desejos ou afetos não legitimam sexo fora do padrão bíblico. **1 Coríntios 6:9-20**: quem pertence a Cristo não deve unir seu corpo à imoralidade sexual. **Gálatas 5:16-24**: “obras da carne” incluem “prostituição, impureza, lascívia”; a solução não é seguir o desejo, mas crucificá-lo com Cristo. **Tiago 1:14, 15**: o desejo concebido gera pecado, e não autorização.

Artigo 3 – Adão e Eva, imagem de Deus, igualdade e distinção

Afirmar: Deus criou Adão e Eva à sua imagem, iguais em dignidade, distintos em masculinidade e feminilidade. A Declaração também enfatiza que Deus criou Adão e Eva como primeiros seres humanos à Sua imagem, iguais diante de Deus em dignidade e valor, ainda que distintos como masculino e feminino (**Gênesis 1:27; 5:1, 2**). As diferenças divinamente ordenadas entre homens e mulheres pertencem ao designio original da criação, sendo destinadas ao bem e ao florescimento humano, e não constituem fruto da queda ou realidade a ser superada (**Gênesis 1:31; 2:18-24**).

Negar: diferenças de papel significam desigualdade de valor. Isso significa que distinções de papel e vocação na família e na Igreja não rebaixam a dignidade da mulher nem exaltam ontologicamente o homem, pois ambos são coerdeiros da graça da vida em Cristo (**1 Pedro 3:7; Gálatas 3:28**). “*No Senhor, nem a mulher é independente do homem, nem o homem independente da mulher*” (**1 Coríntios 11:11, 12**).

Artigo 4 – Diferenças sexuais como designio criacional, não maldição

Afirmar: distinções entre homens e mulheres pertencem ao projeto original de Deus, para o bem humano. Ao mesmo tempo, as diferenças visíveis entre as estruturas reprodutivas masculinas e femininas fazem parte do projeto de Deus para a autoconcepção como homem ou mulher, de maneira que o sexo biológico não é um detalhe acidental, mas componente essencial da identidade pessoal (**Gênesis 1:27, 28; Salmo 139:13-16**). **1 Coríntios 11:3, 7-9** ensina sobre ordem e papéis relacionais enraizados na criação.

Negar: tais diferenças são fruto da queda. **Gênesis 3:16-19**: a queda distorce relações (dominação, sofrimento), mas não cria a diferença sexual em si; esta já existia e era boa (**Gênesis capítulos 1 e 2**).

Artigo 5 – Corpo, sexo biológico e autoconceito

Afirmar: a diferença nas estruturas reprodutivas integra a autocompreensão como homem ou mulher. Reconhecendo a realidade de pessoas que nascem com desordens do desenvolvimento sexual, a Declaração afirma que elas são igualmente criadas à imagem de Deus, com plena dignidade, e são acolhidas por Cristo, que mencionou “*eunucos que nasceram assim do ventre materno*” (**Mateus 19:12**).

Negar: anomalias físicas ou questões psicológicas quebram o vínculo entre sexo biológico e identidade. **João 9:1-3**: mesmo limitações físicas não anulam a dignidade nem o propósito de Deus.

Artigo 6 – Desordens do desenvolvimento sexual e dignidade

Afirmar: pessoas com desordens intersexuais são imagem de Deus, chamadas a abraçar, quanto possível, o sexo biológico. Essas pessoas são chamadas, juntamente com todos os demais discípulos, a abraçar o seu sexo biológico na medida em que puder ser conhecido, crendo que nenhuma ambiguidade física as impede de viver vida frutífera em alegre obediência a Cristo (**1 Coríntios 12:22-25; 2 Coríntios 12:9**). Assim, anomalias

físicas ou condições psicológicas não anulam o vínculo dado por Deus entre o sexo biológico e a autoconsciência como homem ou mulher.

Negar: ambiguidades biológicas impedem vida frutífera em obediência. **2 Coríntios 12:7-10**: a graça de Deus se aperfeiçoa na fraqueza. **Filipenses 4:11-13**: contentamento e frutificação em qualquer condição pela força de Cristo.

Artigo 7 – Autoconceito masculino/feminino e propósitos de Deus

Afirmar: Em continuidade, a Declaração sustenta que a autoconcepção como masculino ou feminino deve ser definida pelos propósitos santos de Deus na criação e na redenção, conforme revelados nas Escrituras (**Romanos 12:1, 2; Efésios 4:22-24**).

Negar: Autoconcepção homossexual ou transgênero não é consistente com esses propósitos, pois a Bíblia descreve o exercício da sexualidade entre pessoas do mesmo sexo e a rejeição do corpo criado como distorções da ordem estabelecida por Deus (**Romanos 1:24-27; 1 Coríntios 6:9-11**).

Artigo 8 – Pessoas com atração pelo mesmo sexo e vida santa

Afirmar: crentes com atração pelo mesmo sexo podem viver vida frutífera agradando a Deus, andando em pureza. A Declaração deixa bem claro que pessoas que experimentam atração pelo mesmo sexo podem viver vida rica e fecunda diante de Deus pelo arrependimento genuíno e fé em Jesus Cristo, desde que, como todos os cristãos, caminhem na pureza de vida, negando desejos pecaminosos e submetendo-se ao senhorio de Cristo (**Lucas 9:23; Gálatas 2:20**). A atração em si, como fruto da queda, não faz parte da bondade original da criação nem exclui alguém da esperança do Evangelho; antes, é precisamente para pecadores de toda sorte que Cristo veio (**Romanos 1:26, 27; 1 Timóteo 1:15**).

Negar: autoconceito homossexual ou transgênero é compatível com tais propósitos. **Romanos 1:24-27**: desejo homoerótico descrito como distorção da ordem criada. **1 Coríntios 6:9-11**: lista práticas sexuais pecaminosas, mas aponta para transformação em Cristo (“tais fostes alguns de vós”).

Artigo 9 – Pecado, desejo sexual e distorção

Afirmar: o pecado desvia o desejo sexual do casamento para a imoralidade, tanto hetero quanto homo. A Declaração também aborda a natureza do desejo sexual sob o pecado. Ela afirma que o pecado distorce os desejos, afastando-os do pacto do casamento e orientando-os para a imoralidade, tanto heterossexual quanto homossexual (**Romanos 1:24-27; Gênesis 3:16**).

Negar: um padrão duradouro de desejo imoral legitima comportamento imoral. A existência de um padrão duradouro de desejo imoral não justifica, porém, a prática imoral; ao contrário, a Escritura ensina que o cristão deve fazer morrer os desejos pecaminosos pelo poder do Espírito, em vez de se identificar com eles (**Tiago 1:14-15; Gálatas 5:16-24; Colossenses 3:5-10**).

Artigo 10 – Aprovação de imoralidade e testemunho cristão

Afirmar: Nesse contexto, considera-se pecaminoso não só praticar, mas também aprovar a imoralidade homossexual ou o transgenerismo, pois tal aprovação constitui afastamento essencial da fidelidade bíblica e do testemunho cristão (**Romanos 1:32; Efésios 5:11**).

Negar: A Declaração rejeita a ideia de que essa aprovação seja uma questão moral indiferente em que cristãos fiéis poderiam simplesmente “concordar em discordar”, uma vez que se trata de aspectos centrais da santidade e do discipulado (**Gálatas 1:8, 9; Judas 3, 4**).

Artigo 11 – Falar a verdade em amor sobre homem e mulher

Afirmar: Outro ponto central é o chamado a falar a verdade em amor, inclusive sobre identidade sexual. Os signatários da Declaração afirmam o dever cristão de dizer a verdade, em todas as ocasiões, inclusive ao falar sobre nós mesmos e sobre o próximo como homem ou mulher (**Efésios 4:15; Colossenses 4:6**).

Negar: obrigação de falar de modo que desonre o designio de Deus. Isso implica recusar qualquer obrigação de empregar formas de fala que desonrem o designio de Deus para seus portadores de imagem, por exemplo, quando linguagem e pronomes são usados para legitimar identidades contrárias ao sexo biológico (**Atos 5:29**). A motivação, porém, não é hostilidade, mas amor, que busca o verdadeiro bem do outro, mesmo quando isso envolve confrontar enganos culturalmente aceitos (**Provérbios 27:6**).

Artigo 12 – Graça: perdão e poder transformador

Afirmar: a graça em Cristo perdoa e dá poder para mortificar desejos pecaminosos. No âmbito da salvação e da santificação, a Declaração ressalta que a graça de Deus em Cristo concede, ao mesmo tempo, perdão misericordioso e poder transformador. Essa graça capacita o seguidor de Jesus a matar desejos pecaminosos e a andar de modo digno do Senhor (**Tito 2:11, 12; Romanos 6:1-14; Colossenses 3:5-7**).

Negar: a graça de Cristo seja insuficiente para pecados sexuais. Por isso se nega que a graça seja insuficiente para perdoar pecados sexuais ou para capacitar qualquer crente, mesmo aquele intensamente atraído ao pecado sexual, a viver em santidade (**1 João 1:7-9; 1 Coríntios 6:11** – leia este texto maravilhoso sobre a **graça capacitadora** em **Tito 2:11-15**).

Artigo 13 – Graça e abandono de autoconcepções transgênero

Afirmar: a graça capacita pecadores a abandonar autoconcepções transgênero e aceitar o vínculo entre sexo biológico e identidade. Pela paciência divina, orienta os pecadores a aceitarem o vínculo ordenado por Deus entre seu sexo biológico e sua verdadeira identidade como homem ou mulher (**2 Coríntios 5:17; Efésios 4:22-24**).

Negar: Nesse sentido, nega-se que a graça possa sancionar identidades e autoconcepções em desacordo com a vontade revelada de Deus, pois a **VERDADEIRA**

GRAÇA educa e capacita para a renúncia à impiedade, e não para a legitimação do pecado (Romanos 6:15-18).

Artigo 14 – Cristo salva pecadores arrependidos

Afirmar: Cristo veio salvar pecadores; qualquer pessoa que se arrepende e crê tem perdão e vida eterna. Por fim, a Declaração de Nashville conclui reafirmando o coração do Evangelho: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar pecadores, e pelo poder da Sua morte e ressurreição o perdão dos pecados e a vida eterna são oferecidos a toda pessoa que se arrepende e confia nEle como Salvador, Senhor e supremo Tesouro (**1 Timóteo 1:15; João 3:16; Romanos 10:9-13**).

Negar: que algum pecador esteja fora do alcance do braço do Senhor. Nenhum pecador está fora do alcance do braço do Senhor, pois Sua mão não está encolhida para que não possa salvar, e Cristo pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus Pai (**Isaías 59:1; Hebreus 7:25**). Assim, ao mesmo tempo em que a Declaração traça com clareza as fronteiras bíblicas quanto à sexualidade e identidade de gênero, ela o faz apontando para a mesma graça que confronta, consola, transforma, acolhe e capacita todo aquele que, quebrantado, vem a Cristo.

Em um momento histórico em que a cultura trata identidade, gênero e sexualidade como campos de autodefinição ilimitada, os cristãos são chamados a lembrar que não fomos nós que nos fizemos, mas o Senhor é quem nos criou e nos comprou para si em Cristo. A fidelidade hoje exige mais do que concordar intelectualmente com uma doutrina bíblica da sexualidade; exige abraçar, com humildade e ousadia, o fato de que nosso corpo, nosso sexo biológico, nosso casamento e nossa afetividade pertencem ao senhorio de Jesus. Ceder à **narrativa do século**, ainda que por “compaixão” mal orientada, é enfraquecer o testemunho do Evangelho e obscurecer o caminho da verdadeira liberdade, que não está em seguir os desejos, mas em submeter desejos e identidades à Palavra de Deus.

Ao mesmo tempo, a Igreja precisa ouvir o alerta de que firmeza doutrinária sem graça é tão antievangélica quanto graça sem verdade. **João 1:14** mostra que, em Jesus, verdade e graça nunca se separam: “*E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.*” A mesma pessoa que revela, sem relativizar, quem Deus é, o que é pecado e qual é o padrão santo do Pai é exatamente a pessoa que se inclina com misericórdia para pecadores, perdoando, restaurando e capacitando-os com poder para uma vida nova. Não existe “verdade de Cristo” que não seja ao mesmo tempo graciosa, nem “graça de Cristo” que negue ou dilua a verdade.

Por isso, quando a Igreja fala sobre sexualidade, identidade, casamento ou qualquer outro tema sensível, ela precisa espelhar esse selo de Jesus: firmeza na verdade que expõe o erro, e, ao mesmo tempo, braços abertos de graça que acolhem o pecador arrependido. Se ficarmos só com “verdade” sem graça, caímos em legalismo e dureza; se ficarmos só com “graça” sem verdade, caímos em conivência e engano. O padrão de João 1.14 nos lembra que a glória de Cristo é ser, ao mesmo tempo, plenamente verdadeiro e plenamente gracioso, e nosso discurso e prática precisam refletir essa mesma combinação.

A Declaração de Nashville lembra que nenhum pecador está além do alcance da cruz, e isso inclui aqueles envolvidos em pecados sexuais ou confusões profundas sobre identidade. O chamado não é para arrogância moral, mas para arrependimento (mudança) contínuo, pureza de vida, compaixão paciente e coragem para dizer: “isso é pecado”, ao mesmo tempo em que estende as mãos e declara: “em Cristo há graça, perdão, poder de transformação e uma nova identidade” (**Hebreus 1:9a; Romanos 12:9 e Salmo 97:10**). Cristãos que ignoram esse equilíbrio correm o risco de se conformar ao mundo de um lado, ou de negar, na prática, a suficiência da graça de Deus do outro.

Rai 
Barreto

contato@raibarreto.com.br

Instagram: [@raibarretosilva](https://www.instagram.com/raibarretosilva)